

Entrevistada: Maria de Lourdes de Paula

Data: 02/11/2016

Local: Ponta Grossa/PR

Duração: 1hora, 14minutos e 40 segundos

Entrevistadora e roteiro: Danila Barbosa de Castilho

Danila: Maria, eu gostaria que você começasse falando um pouquinho sobre você, sua história.

Maria: meu nome é Maria de Paula, eu nasci em Palmeira e a gente veio em 70 pra Ponta Grossa, aí eu... frequentava a igreja, a gente veio morar perto do São Cristóvão, frequentava ali. Meu tio trabalhou muito tempo com frei Elias, construiu igreja, construiu cinema, construiu escola. Então tinha um certo convívio assim e aí num desses momentos, eu vi lá grupo de jovens que se reúne e tal e jovens franciscanos que se reúnem. Então eu fui pra ali, pra Jufra. Foi dois domingos depois que, porque era o dia da reunião eu fui e comecei a participar. Nesse período tinha dois grupos de jovens franciscanos, um no Bom Jesus e um aqui no São Cristóvão. Aí eu participei 10 anos da Jufra, praticamente a minha vida era a Jufra, até porque simultâneo a Jufra, o frei Eurico organizou um outro grupo de vida leiga religiosa. Uma coisa que já tem a pequena família que é bem antiga na ordem franciscana, mas ele fez uma coisa que ele chamou Seara e aí alguns de nós participávamos desse movimento também né. Essa Seara ainda existe tal, lá em Curitiba. Aí eu fiquei 10 anos assim, só com a Jufra. Minha família morando em Ponta Grossa. Aí teve o segundo, um congresso em Salvador em 78, final de 77 ou comecinho de 78 que a gente entregou a liderança nacional pra... Salvador. Eu tinha me proposto qualquer grupo que fosse eleito, inicialmente os candidatos mais prováveis era Rio Grande do Sul, tava negociado com Rio Grande do Sul e com Minas. Aí porque o frei que orientaria foi embora, foi embora não, foi estudar em Roma, então eles acharam que não podiam mais assumir esse trabalho, porque não tinha um frei que pudesse ser responsável, então não se candidaram a ser a nova equipe nacional, daí ficou Minas. Daí o pessoal, ah mas só um e não sei o que e Salvador se candidatou e no fim ganhou e eu já tinha me proposto a ficar três meses com a nova equipe, pra repassar todo o trabalho que a gente fazia. E aí fui pra Salvador, fiquei três meses daí namorei um jufrista, casei, tive filhos e fiquei 10 anos na Bahia, aí voltei embora já separada e...né já sem vínculo com Jufra e qualquer coisa assim. Daí vim pra Ponta Grossa, terminei a faculdade que eu tinha começado em Salvador, já tinha os dois filhos, fui trabalhar né. Fiz concurso no estado, trabalho no estado desde então e é isso. Trabalho em duas escolas e meus filhos são já adultos né os dois, casados e eu moro sozinha aqui. Essa sou eu.

Danila: então, a família da senhora já tinha uma vivência dentro da igreja católica?

Maria: É, assim...mais ou menos aquele padrão básico assim, vai na missa de vez em quando, todo mundo foi batizado, fez primeira comunhão né, casou na igreja, coisa assim. Do lado da minha mãe, meu avô era muito devoto de Nossa Senhora e fazia a gente pedir a benção tinha uma coisa assim mais religiosa. Do lado do meu pai não. Nunca vi dizer que meu avô tenha ido a igreja. Como meu pai tinha problema de saúde, meu pai não ia mesmo a igreja e a minha mãe por conta de cuidar de nós e do meu pai também não ia, ela rezava em casa. É... e eu tinha algum gosto assim, porque cidade do interior qual é o teu programa de domingo? Vai na missa, vai, na época, vai na praça e tinha uma festinha no clube ou na casa de alguém. Então, que ir na missa fazia parte do social, da vida social das pessoas e quando eu vim para Ponta Grossa eu já tinha mesmo esse hábito e eu gostava né. Então, eu sempre tive assim curiosidade, sabe pela história das religiões, pela prática das religiões, dos diferentes povos, então quando eu vi grupo

de jovens eu vi nossa é uma coisa interessante de ir, foi mais isso que me levou, não aquele coisa assim de uma devoção religiosa muito intensa não, mas pelo gosto mesmo do papel da religião na vida das pessoas.

Danila: entendi, e teve alguém da família da senhora que te influenciou, que motivou? A senhora tinha vontade de entrar para vida religiosa e alguém ajudou?

Maria: não. Eu fui pro grupo de jovens, mais por ser grupo de jovens. Aí lá dentro do grupo de jovens, é, por conta do trabalho que a gente fazia com a Jufra e que o frei propôs isso. Porque quando a gente começou o trabalho se tornou muito intenso, a gente acabou morando no grupo, é próximo do convento e uma pessoa que já faleceu, parece que tem três anos que ela faleceu, a Cleia Campos Melo que bancava isso, sabe? Ela perdeu o marido e ficou muito abalada muito ruim disso e aí alguém disse: ah, vá falar com frei Eurico que ele é uma pessoa legal. E aí ela gostou da orientação que o frei Eurico fez, ajudou ela a superar essa dificuldade de ter perdido o marido e daí ela até disse uma vez para gente assim, eu fiquei pensando assim: nossa te tivesse mais freis Euricos que pudessem ajudar as pessoas e aí o frei Eurico tava com essa ideia de fazer grupo de jovens e tal, ela contribuiu. Então ela que ajudou a comprar a casa, ela que ajudava a manter e a gente morou, um grupo de... tinha uma casa de meninas e uma casa de rapazes e a gente trabalha, alguns deles só com a Jufra que daí era produzir os folders, dar os treinamentos, esse tipo de coisa.

Danila: e as amizades da senhora com o pessoal da Jufra na época, a senhora tinha amizade com pessoas de outros grupos, de outros movimentos? Eles influenciaram?

Maria: olha aí, eu teria que contar mais mesmo da história da própria Jufra. Então assim... é, por conta dessa motivação do Vaticano II que precisava arejar a igreja e trazer jovens, tinha grupo de jovens chamados franciscanos aqui no Bom Jesus e no São Cristóvão. Nesse mesmo período começou um movimento chamado TLC, Treinamento de Liderança Cristã. Até nós do grupo de jovens do São Cristóvão participamos de um TLC que foi em Paranaguá, foi uma aventura ir para Paranaguá e fazer esse curso e voltamos. E a gente tinha, como aqui no São Cristóvão participavam pessoas do bairro, a gente não era só da Jufra, os meninos iam lá em casa, aprenderam a dançar com minha mãe, a gente ia no mesmo clube, um visitava a casa do outro. Então, criou alguns vínculos assim, que foi motivado pelo grupo de jovens, mas que se expandiu do grupo de jovens. A gente era muito próximo do frei Elias, e o frei Elias, inclusive quando ele morreu alguém escreveu lá, o homem que viveu com tijolo na mão, porque ele adorava fazer obras, então ele envolvia a gente do grupo de jovens né. A gente fez campanha pra construir a igreja, participou de fazer almoço, procissão de São Cristóvão a gente ia segurar lá o, aquele frasquinho com a água que o frei benzia, a gente fazia faxina na casa paroquial. É... tinha, quando tava construindo a igreja tinha um salão da escola que tinha missa, a gente fez cartazes pra enfeitar a igreja. Então, a gente era muito ativo assim de convivência entre nós, de amizade, de convívio e com o frei Elias. Assim, a gente tinha a gente de certa forma, esse grupo de jovens nem conhecia o frei Eurico nem ninguém do Bom Jesus. O frei Elias é que falava alguma coisa que também tinha. Aí... É, teve um treinamento em Curitiba para padres. Esse treinamento ele, quem fez o treinamento foi o Waldemar De Gregori, o Waldemar ainda vive em... Brasília. Então, o Waldemar, ele tinha sido religioso, ele deixou a vida religiosa e ele foi fazer mestrado. Ele foi fazer mestrado num chamado Instituto Rubbo Müller, que o Rubbo Müller não vive mais. E o Rubbo Müller no doutorado dele, tinha ampliado um quadro de referências dentro da sociologia. O instituto dele era pós graduação em sociologia, o mestrado do Waldemar era em sociologia e, aí o Waldemar, pegou esse quadro de referências que era da teoria do Rubbo Müller e se questionou: se esse quadro de referência analisa a sociedade, pode mudá-la. Como ele tinha recém saído de uma

ordem religiosa, ele entendeu assim: ah é um instrumento que a igreja pode usar. E ele começou a treinar religiosos. Na época o mestrado dele, a proposta de trabalho ele chamava de Criatividade Comunitária. Posteriormente os estudos e trabalhos dele chama Cibernética Social, mas ele chamou de Criatividade Comunitária. E o frei Eurico fez esse treinamento em Curitiba e se encantou com o trabalho, com essa teoria nova, com esse instrumento novo que o Waldemar apresentou em Curitiba. Inclusive o padre Roque, que era um padre que foi professor na universidade, que a Selma Schons conhece muito, conviveu muito com ele, eu nem sei se o padre Roque ainda é vivo, sinceramente faz tempo que eu não entro em contato com eles. É...fez, adaptou uma linha e continuou aplicando em outros grupos religiosos essa proposta do Waldemar. E o frei Eurico trouxe para os jovens franciscanos e aí falou para o frei Elias: eu tenho um treinamento legal. Vamos fazer. Foi o treinamento que ele chamou de TBJ, Treinamento Básico da Juventude, que era em cima do trabalho do Waldemar, baseado na teoria do Rubbo Müller, aí ele deu o TBJ pra gente. Então era, eu não sei se ainda tem essas apostilas, mas era a gente exercia liderança, tinha um roteiro de seminários com diferentes lideranças de organização da reunião e o que era chamado de lideranças de cultivo. A organização era diferente né, por isso, deixou de ser presidente passou a ser secretária nacional, porque o entendimento de liderança passou a ser outro né e aí a gente tava empolgado com isso daí. Mas ainda a Ivone era do Bom Jesus né e participava assim do movimento e, aí o frei Nereu que era orientador da Ordem Franciscana, do grupo da Ordem Terceira de Curitiba numa assembleia da Ordem Franciscana nacional, ele foi lá na reunião. E nessa reunião o pessoal falou que tinha que estruturar o movimento franciscano jovem pra renovar a Ordem Terceira como na proposta do papa e tal. E aí, alguns padres que estava lá contaram das experiências que tinha nas suas paróquias de jovens franciscanos. Não era só Ponta Grossa nem só Bom Jesus nem só São Cristóvão que tinha grupo de jovens chamado Jovens Franciscanos, com a mesma sigla JUFRA. Mas, o frei Nereu contou da experiência que o frei Eurico estava fazendo, que já tinha um treinamento, que tinha organizado. Aí incumbiram o frei Nereu então: você leve pra esse frei, pra Ordem Terceira de vocês e vocês vão ser a liderança nacional, pra implementar a JUFRA em todo o Brasil. Eles chegaram aqui, o frei Nereu fez contato com o frei Eurico aqui, toda aquela coisa de provincial, aquelas coisas legais, o frei Eurico concordou. Ele chamou a Ivone que era do grupo do Bom Jesus que tinha bem intimidade com ele e ela ficou nomeada presidente nacional da JUFRA por conta da Ordem Terceira não foi uma coisa dos jovens né. Foi instituído, digamos assim, de cima pra baixo, inclusive ela como presidente a gente foi pra Caxias, já em contato com os franciscanos do Rio Grande do Sul, é... porque eles tem aquele negócio de província, então era outra província, mas que tinha uma boa relação. A gente foi pra Caxias e a Ivone falou lá no encontro como presidente nacional da JUFRA. E eu e alguns daqui nós fomos juntos, ainda não tinha uma diretoria de JUFRA, era a Ivone presidente. Aí a gente voltou pra Ponta Grossa e o pessoal começou, não então tem que fazer esse treinamento. Aí o frei Eurico fez contato pelas províncias, vários franciscanos que tinha grupos de jovens, aí o frei Nereu e a Ordem Terceira apoiaram, e tinha toda uma comunicação entre todo mundo assim. Aí o frei Eurico entendeu que tinha que reunir o pessoal e pensar juntos aí ele propôs o primeiro congresso nacional da JUFRA, que foi em dezembro de 1972, não sei se 5 ou 6 por aí de dezembro, se eu pegar um calendário até vejo a data. E aí vieram representantes de todas as províncias, era província acho que chamam, da Ordem Terceira. Então onde tinha uma regional da Ordem Terceira, algum padre, algum frei, algum membro da Ordem Terceira que tinha algum grupo de jovens ou mandou jovens ou trouxe, veio junto e tal. Foi aí que eu conheci a Natividade que era de Santo Antônio lá do Rio de Janeiro, da Ordem Terceira

de Santo Antônio do Rio de Janeiro. Eu conheci a Marli que veio com frei Juvêncio, lá de Manaus. E veio gente, que o frei Egberto fala, veio gente de Nova Iguaçu lá do Rio com a Natividade. Olha veio de Minas, de Santos, mas esse vínculo foi pela Ordem Terceira. A Ordem Terceira que digamos deu essa cobertura, que fez os contatos e teve o segundo congresso. Aí no Segundo Congresso o que a gente fez, aplicou para nesse primeiro congresso, a gente aplicou para o pessoal que chegou, o nosso TBJ. Então o frei organizou, a gente fazia sessões, a gente fez algumas das sessões que era do TBJ. Então aplicou o TBJ para o pessoal né. Inclusive veio um frei de Aracaju, o frei Eugênio que depois deixou de ser frei, veio de Fortaleza né, veio gente do Brasil inteiro, desse congresso a Marli tem foto. Aí o pessoal gostou claro, a proposta do Waldemar era uma proposta totalmente inovadora, era a sociologia aplicada, dinâmica de grupo, não tinha a ver o que o pessoal sabia fazer até então. Aí é que se instituiu o secretário nacional. E aí um pouco antes do congresso, já nessa dinâmica de organizar o congresso a Ivone não quis mais participar. Ela disse: não, vai abranger tudo e eu acho que não. E tinha a questão da família. A Ivone deve saber responder. Aí o frei reuniu o grupo, eu era talvez a mais falante, não sei, ah vamos escolher e eu fiquei a secretária nacional. O Bira um amigo assim muito querido, muito querido, que faleceu em 1991, é... fazia parte da equipe e ele era aqui do mesmo grupo, quer dizer na verdade ele era do São Francisco e a gente fez uma JUFRA aqui na igreja do São Vendelino, apoiado pelas irmãs do São Francisco, aí teve um grupo de JUFRA ali, que o Bira era desse grupo. E nesse congresso aí o pessoal: não, vocês tem que treinar o Brasil né. Como assim? A gente em que ter domínio desse material de vocês. Aí foi uma aventura e tanto. A gente produziu material, a gente viajava com um monte de material, apostila, a gente fez cartaz de papel e aí ia até um pedaço os cartazes se desmanchavam, a gente fez de pano, pintado com pano para ter maior durabilidade. E basicamente aqui por perto a gente treinou várias pessoas em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul em algumas cidades, e essas cidades que às vezes eu confundo um pouco. É...a gente fez treinamento em Luzerna, eu lembro bem em Santa Catarina esse primeiro TBJ, a gente fez em Veranópolis no Rio Grande do Sul e aí a gente, férias de julho assim, período de julho a gente foi pro Brasil. Foi uma jornada de um mês e meio saindo de um treinamento pro outro, eu, o frei Eurico e o Bira. Daí a gente fez um treinamento em Santos, no Valongo. Uma experiência incrível aquele convento antigo, uma biblioteca antiquíssima. Eu achei um livro do ano 1000, escrito em latim! Meu Deeuus, que coisa fantástica! No Valongo, lá era a Ordem Terceira que apoiava, a Tereza, não me lembro o nome do marido dela, que tinha o grupo. Desse grupo, desse primeiro grupo, eu conheço o Nelito que mora em Campinas, eu ainda tenho o contato dele, de Santos. Daí a gente foi para Nova Iguaçu, que o frei Egberto fala. Daí desse grupo do, de Nova Iguaçu eu fiquei com o contato só da Natividade, mas ela não está mais vinculada a jovens. Aí de Nova Iguaçu...a gente foi pra Aracaju, a gente não treinou o pessoal da Bahia num primeiro momento, a gente foi pra Aracaju, na época o frei Eugênio lá...na paróquia da...São Judas Tadeu, uma paróquia grande. Aí nós fomos para Recife, treinamos um grupo em Recife com os franciscanos lá, com as irmãs, não me lembro o nome do frei de lá. Daí de Recife a gente foi pra João Pessoa com a Ordem Terceira apoiando. Era assim, três de treinamento, mais dois dias pega o ônibus e anda né. A gente fez Rio, Aracaju de ônibus. Aí a gente foi de Recife, a gente treinou o pessoal em Fortaleza, daí a gente foi pra Belém do Pará e pro Amazonas. Manaus foi o último treinamento. Então, cada grupo desse era regional, a gente preparou uma equipe regional. Nessa primeira leva, a gente fez isso, e o treinamento basicamente era o TBJ, e o TBJ era essa proposta do Waldemar lá, do Rubbo Müller. Posteriormente, numa outra ocasião, eu fui só eu com o frei Antoninho, a gente fez um grupo em Betim, Minas

Gerais e, numa outra ocasião, a gente foi no Rio Grande do Sul e fez a regional do Rio Grande do Sul, e aí, a gente trabalhou o ano inteiro nessas organizações, aí a gente teve o IIº Congresso Nacional da JUFRA em Ponta Grossa, ainda, no convento aqui, mas já com essas regionais todos organizados, todos treinados. Nessa ocasião, o Rubbo Müller veio pra Ponta Grossa com... Acho que uns 8 ou 10 alunos de mestrado e doutorado dele ver a *teoria* dele aplicada pelos jovens na prática. Ele acompanhou o Congresso. A gente tinha a sala em que nós fazíamos as reuniões e ele ficava numa outra sala com os alunos. Desse grupo que participou com o Rubbo Müller, a professora Cleide da universidade, ela era da graduação, agora não sei aonde ela estava, ou se ela aposentou, porque tem a Leide que é lá da, da Educação a Distância... Não! É Cleide, não lembro o sobrenome, mas acho que a Janaína deve lembrar. Ela era uma das mestrandas que estavam nesse grupo acompanhando essa observação do Rubbo Müller e do trabalho que a gente fazia com a *teoria* dele. Foi, foi, foi muito interessante. Aí então, o TBJ tava bem estruturado, bem instituído com a dinâmica, tinha uma parte da personalidade das pessoas; tem um caderno do TBJ, eu não sei se ainda existe porque não fiquei com nenhum. Eu acabei distribuindo, distribuindo, e fiquei sem nenhum. Aí que o frei Eurico começou a pensar, a etapa seguinte, porque ele entendia que na JUFRA, ele devia cumprir a mesma organização da Ordem Terceira, que eram 3 etapas né: aspirante, noviço, e a profissão né. Tinha que passar pelas 3 etapas. Então nós, como TBJ éramos aspirantes e, inicialmente, a ideia é de que, todos os *jufristas* ao atingir o 3º. nível e ter idade maior, embora eu já tinha vinte e poucos anos porque eu entrei na JUFRA com 22 anos, é... passassem para a ordem terceira, naturalmente. É isso que o frei Egberto fala que, entrou em acordo... Que o TBJ valia isso, isso... O que corresponderia!... Então, quem tivesse no terceiro nível na JUFRA já seguia como que alguém que fez a profissão na Ordem Terceira. E aí, o frei Eurico montou um TIF, que ele chamou: *Treinamento de Iniciação Franciscana*, e o primeiro TIF, ele aplicou um treinamento conosco, aqui em Ponta Grossa no Bom Jesus. Três dias trancado lá no convento e tal, é isso que os freis ficavam assim né... Ele resolvia de ficar fechado 3 dias, e era no convento, entendeu? Ah vai dormir aqui, vai comer ali, e era no convento, e às vezes, alguns frades mais velhos perguntavam: essa piaçada aqui dentro do convento, circulando por aí... Daí era meio, meio assim, estranho... Aí ele montou... Deu um treinamento de formação religiosa e aí a gente foi fazer o trabalho em Luzerna, que foi uma aventura interessante... Ah, vamos lá no seminário do frei... E a gente chegou, tinha palha, tinha capim e a gente passou metade do dia limpando pra conseguir realizar o treinamento. Só que, quando a gente chegou lá, o frei Eurico tinha esquecido o material dele em casa. Aí ele falou assim: e agora? Que, que eu faço? Que, que eu faço? Então, até que ele se organizasse, ele abriu para os jovens fazer pergunta das dúvidas que eles tinham da vida religiosa que era pra dar alguma forma ao treinamento. E o pessoal fez pergunta e ele montou as respostas... Quando terminou, é isso que vou fazer no TIF. TIF é isso que tem que ser! E daí ele passou pra organização estrutural, TIF é assim, partindo de perguntas, partindo da dinâmica dos meninos. E, aí enquanto você está num trabalho desses que você circula, aí ele propôs participar da *Seara* trabalhar só com isso, um pouco antes né! Nossa, eu embarquei né, ah eu vou... A gente ganhava uma ajuda de custo naquela época, eu... Tinha que trabalhar e ajudar a família, então, eu recebi uma ajuda de custos e repassava à família, e daí àquele espírito franciscano... Viver com o mínimo possível né... A gente viajou 36h de ônibus, aqueles ônibus horríveis do Rio pra Aracaju, e era uma aventura, né?! Nossa! A gente tá copiando Francisco [de Assis], a gente tinha essa coisa assim bem dinâmica de entusiasmo pelo que a gente fazia... É!... Foi uma experiência muito interessante pra mim e pra todo o pessoal que viveu esse período né! Quando eu encontro, eventualmente umas pessoas que a gente conversa...

Tem muito tempo que eu encontrei a Marilda através do Nelito lá de Santos, que era do período, a gente fala disso no entusiasmo que foi esse período porque era realmente uma aventura o que a gente fez né, o grupo das lideranças dos grupos né! Aí... Por conta do entusiasmo de jovens a gente fez a mini-jufra com menos de 14 anos; e aí a gente fez o mini TBJ; mini TIF... Não deu muito certo a mini JUFRA porque os *jufristas* não tinham ainda a... Digamos assim, estrutura, talvez, até responsabilidade pra segurar essa orientação que éramos nós que deveríamos dar essa orientação, então algumas começaram e não foram né. Então esse evento de começo de JUFRA foram 5 anos de trabalho né, e dando treinamento, produzindo material, aí o frei fez o manual *jufrista*, fez o roteiro TBJ, roteiro do TIF, e a gente mantinha contato... Aí posteriormente, a gente foi treinar. Não... mas quando a gente foi pra São Luís era o grupo de Salvador... enfim, a gente trabalhou assim. Aí nós participávamos das reuniões da Junta Nacional da Ordem Franciscana que é quando frei Egberto fala no livro né! A gente ia pro Rio pra essas reuniões né, aí o frei Eurico foi algumas vezes pra essas reuniões da Junta Nacional, teve Assembleia Nacional da Ordem Terceira que a gente participou, é... Foram muitas coisas! Aí o pessoal começou achar que tava na hora de passar a liderança pra outro grupo. Já tinha 5 anos e outra equipe devia assumir o provincial. O frei Eurico falou: chega! O frei Eurico tem que cuidar de outras coisas dentro da Ordem né, já contribuiu o suficiente com a Ordem Terceira e sem contar que ele assumiu também como Orientador da Regional da Ordem Terceira porque ele ia ser o vice-orientador e no evento que teve em Santa Catarina e o frei que assumiu que era o Orientador Espiritual. Acho que um mês depois morreu num acidente que o frei Eurico teve que assumir, daí a gente se envolveu... E nessa época a gente fez uma pesquisa sobre a Ordem Terceira em várias cidades em Santa Catarina, em vários grupos da Ordem Terceira fazendo pesquisa, investigando, e a gente fez um... Apresentou um relatório dessa pesquisa e uma coisa curiosa que a gente percebeu, tinha várias coisas interessantes nessa pesquisa... Eu não sei se tem alguma coisa registrada dessa pesquisa, mas na época, uma coisa que chamou a atenção da gente, que ainda, muitas pessoas participavam da Ordem Terceira pela *indulgência*. Participar da Ordem Terceira ganhava indulgência. Pense!... Isso foi (19)72... 73,74, a gente fez essa pesquisa, por aí, e ainda tinha umas senhorinhas de idade que frequentavam a Ordem, e o motivo delas era a *indulgência*. Nossa! A gente achou tão curioso, meu Deus! Ainda existe isso! Aí foi marcado o congresso de Salvador. Em que aconteceria em Salvador o Congresso e seria eleita uma nova equipe né, aí... O mais provável candidato era o Rio Grande do Sul, que eu já falei, mas o frei acabou indo pra Roma, até nem participou do congresso, foi um outro frei com a equipe do Rio Grande do Sul. Minas Gerais era outro grupo que se propunha... Uma Ordem Terceira muito forte em MG, que apoiava muito a JUFRA, então, era candidato a continuar com a JUFRA, e o frei Edson que era da Igreja da Piedade de Salvador que era, assim, muito entusiasta da JUFRA. E o [frei] Edson fez treinamento por Aracaju, né! Foi Aracaju que constituiu Salvador porque Aracaju era a mesma província dos freis. Daí os freis de Aracaju é que treinaram o pessoal de Salvador, mas aí Salvador cresceu mais que Aracaju e o congresso foi em Salvador... Eu e o Bira fomos uma semana antes pra preparar o congresso, e fizemos então esse congresso em Salvador, e acabou, a equipe de Salvador sendo eleita né, e aí logo em seguida, eu ajudei a equipe de Salvador treinar vários grupos na Bahia mesmo, durante mais ou menos um ano e... Daí eu saí da JUFRA né! Daí eu casei, tive a minha filha. No congresso, daí, eu já estava fora da JUFRA, eu já tinha minha menina; e teve um segundo congresso em Salvador que foi quando encontrei de novo o frei Eurico, o Moacir, o Edson e, eu fui só fazer uma visita no congresso já com a Janaína pequeninha, mas não participava mais e... Depois eu ainda fiquei mais um tempo

morando em Salvador, mas afastada da JUFRA porque o Edson, inclusive que, era o orientador da JUFRA, foi pra, pra Aracaju, foi embora... E aí teve um congresso em Salvador de novo, que foi esse que eu só fui visitar, e a nova equipe foi a do Maranhão que assumiu. Maranhão? Acho que é! Que, eu fui junto com o pessoal de Salvador treinar essa nova regional e eles é que substituíram Salvador. E daí, eu me afastei completamente, cuidei dos meus filhos, e outras coisas... Não mais participei nem de JUFRA, nem da Ordem Terceira, nada! Não perdi contato com os amigos que eu fiz nesse período, né! Ainda fiquei sabendo de algumas coisas... Refiz contato com o Nelito por conta de uma professora que veio dar aula em Ponta Grossa, esposa dele, deu aula pra Janaína, e a gente, eu redescobri o Nelito. Alguns eu mantive contato outros não! Nossa, falei (risos), pra ver porque secretária, falava muito (risos)!

Danila: como era o objetivo dessa pesquisa que a senhora comentou que o frei Eurico fez?! O que, que, ele queria saber?

Maria: porque, como que o princípio e objetivo nosso era renovar a Ordem Terceira, continuar a Ordem Terceira, o objetivo de quem se formasse na JUFRA era fazer parte das fileiras da Ordem Terceira, a gente queria entender um pouco mais a Ordem Terceira. O que motivava, como eles eram organizados, e aí a gente descobriu que algumas ordens terceiras como essa da igreja do Santo Antônio no Rio de Janeiro, uma do São Francisco, lá... Da igreja de São Francisco em Salvador, eles se tornaram... É, instituições civis com assistência médica e uma série de coisas e, principalmente, lá em Salvador na de São Francisco, tinha gente que era da Ordem Terceira, só pela assistência médica, não tinha nenhuma formação! E aí com esse... A JUFRA aquecendo a Ordem Terceira e mobilizando, chegou um momento que a própria... Numa assembleia da Ordem Terceira se... Foi colocado isso! Que era preciso olhar as *ordens terceiras*, e voltar à sua origem que era um trabalho de... Primeiro, cultivo religioso, espiritual, de crescimento do pessoal, e não, vínculo porque tem assistência médica ou coisa assim! Inclusive lá, quando eu estava ainda em Salvador, pra apoiar a equipe de Salvador, a gente fez um trabalho de formação do pessoal dessa Ordem Terceira da igreja de São Francisco porque não tinha tido até então, formação nenhuma, mas que eram da Ordem Terceira por causa da assistência médica e outros benefícios que a Ordem tinha organizado. Esses detalhes assim, eu não saberia te dizer, mas, eu sei que a Natividade no Rio, faz parte de um, de um... Tem uma assistência, direito a uma assistência médica ainda por ser da Ordem Terceira. Eles mantiveram isso aí! Não existe em alguns lugares. E aí, a gente teve notícia disso, daí o frei Eurico, responsável pela região, que era Paraná e Santa Catarina, e, tinha na época mais Ordem Terceira em Santa Catarina do que no Paraná, então, vamos investigar, vamos saber quais são as nossas *ordens*, o que elas fazem, que vínculo elas têm, elas têm esse tipo de coisa, não têm... Né?! E aqui no Paraná e Santa Catarina não tinha, era só o cultivo espiritual mesmo, e inclusive, com algumas senhorinhas, achando que era mesmo por uma coisa profundamente espiritual, era estar na Ordem, era de... Dava direitos, digamos assim, à indulgência. Mas o motivo foi esse! Só que, eu sei isso... Eu suponho que o professor Edson possa te dizer melhor, que depois de um tempo, os jufristas não cumpriram esse compromisso pra Ordem Terceira, e fizeram grupos de JUFRA adultos, alguma coisa assim! Eu sei que o professor Edson falou rapidamente disso, nossa! Quando eu fui colaboradora na universidade que eu dei aula 5 anos, e a gente ia pra dar aula em Telêmaco, e numa viagem dessa o professor Edson foi, a gente conversou sobre isso e aí ele me disse: não! Mas nós somos adultos da JUFRA, ah... Vocês traíram o princípio... Ele falou, não! É diferente... Porque aí, ele até me explicou rapidamente isso né! Não sei te dizer! Eu sei até quando eu deixei a secretaria, o Secretariado Nacional da JUFRA. A

gente tinha equipe nacional e eu era a Secretária Nacional que corresponderia ao anterior cargo de presidente.

Danila: E da época da senhora, desse grupo que a senhora fez parte, a senhora sabe se teve mais alguém que resolveu entrar pra OFS ou que não entrou, ou seguiu vida religiosa?!...

Maria: Olhe! No período que a gente vivia, várias pessoas foram fazer experiência num convento aqui, num convento ali, mas que ficou mesmo, eu não mantive contato com ninguém que ficou, mesmo! Agora... No Rio, do grupo lá de Nova Iguaçu, alguns foram pra Ordem Terceira, eu não saberia te dizer quantos e quais, talvez, a Natividade é... Pudessem dizer que, eu lembro bem que, como eu mantive amizade com a Natividade, eu fui algumas vezes pro Rio, visitá-la. Porque era assim, vinha de Manaus e daqui a gente se encontrava no Rio porque eram 3, e aí, eu ia na reunião da Ordem Terceira com ela, eu fui visitar o frei Eriberto, a Natividade trabalhava na Secretaria Nacional um tempo, então, eu ia visitar o frei Eriberto e tal, não tinha mais compromisso, não convivia com a JUFRA mas mantinha contato com esse pessoal, e aí, a Natividade até encontrava com... Encontrei uma pessoa lá da Ordem Terceira dela, lá da igreja de Santo Antônio, e a Natividade disse: “lembra dela, ela era da JUFRA, e ela foi da JUFRA e agora é da Ordem Terceira”, então, alguns entraram! Aqui em Ponta Grossa eu sei que foi o professor Edson que me disse que fizeram um grupo adulto, coisa assim e tal! Mas em alguns lugares foram! Mas jovens, era um tempo na JUFRA, poucos continuavam na Ordem Terceira porque o grupo de jovens, ele é um tempo né! A vida adulta das pessoas, vai por outros caminhos, e aí, se distancia daquele vínculo de jovens, né?! Eu, eu, acho que tem uns 5 anos que eu encontrei uma ex jufrista na prefeitura... “Ah você!”, nos encontramos e falamos, não! Porque os vínculos que se estabeleceram foram outros mais voltados pra família e trabalho né! A não ser àqueles que se mantiveram na mesma paróquia, daí sim. Mas eu fui pra Salvador, fiquei 4 anos, voltei pra Curitiba, vim pra Ponta Grossa, mudei de bairro, e aí, você vai perdendo os vínculos...

Danila: e o que, mais marcou a senhora na sua juventude?

Maria: olhe, foi a descoberta de São Francisco, Santa Clara, sabe! É... Foi, foi uma experiência bem interessante, inclusive quando a gente tava nesse trabalho de JUFRA, foi quando o *Zefirelli* fez “Irmão Sol, Irmã Lua”, e a gente foi assistir e aquele filme passou a ser o ícone nosso, né?! Àquela experiência foi muito boa! Eu percebo que eu guardo muitas coisas dessa coisa da pobreza franciscana, da generosidade, sabe, do silêncio, do contato com a natureza, isso foi bem forte. Eu lembro até que, a Maria Eugênia, a gente trabalhava junto e ela, casada com o Moacir, o Moacir foi da JUFRA. E ela comentando lá de comprar casa dela, ela virou pra mim: “vocês jufristas que agora fazem voto de pobreza e ficam querendo que a gente também faça”, falando de como isso marcou, marcou o Moacir né, marido da Maria Eugênia e me marcou. Eu acho isso muito forte!

Danila: a senhora considera os franciscanos?

Maria: eu nem mais frequento a igreja católica, na verdade, eu tinha alguns questionamentos muito fortes. Uma vez, eu questionei muito o freio Eurico. Eu falei: olha frei Eurico, alguma coisa dessa mensagem se perdeu, não é possível. E ele dizia: “não, porque a igreja manteve e tal”. E aí eu fiz outros estudos, outras religiões né, um pouco de gnose, de budismo e tal, e eu percebi realmente, tem uma coisa, tem um elemento na mensagem seja de Jesus e de outros grandes líderes religiosos, que nunca foi bem entendido né! Mas, eu me considero franciscana no sentido de que eu continuo e que eu acho quem é ‘Francisco’, sabe?! E que ele não conseguiu às pessoas que seguiram ‘Francisco’, não cultivaram esse mesmo valor que ele tinha e, as histórias de

‘Francisco’ que eu li, ele morreu com esse desapontamento de que a Ordem já tava indo por um outro caminho que não era o original dele, sabe?! Depois que eu li outras coisas, eu entendi, falei: ah, então ‘Francisco’, não só ele né, mas outros grandes personagens voltados ou vinculados à espiritualidade também viveram né, essa identificação de encarnar o Cristo em mim né, que ‘Francisco’ fez e cada um faz do seu jeito.

Danila: e na parte do acontecimento desse contexto social, político dessa época da juventude da senhora?

Maria: geeente, veja, a gente viveu em plena ditadura.

Entrevistadora: eu até fiquei sabendo que a JUFRA tem um documento Dops, né...

Maria: ditadura! Ditadura! Plena ditadura né?! Mas, na verdade, a gente era alienado do ponto de vista político, sabe?! A gente não tinha percepção do contexto político. Nós soubemos depois né, que o congresso de Salvador tinha olheiro do Dops. A gente soube! E depois do congresso de Salvador, eu e o Bira fomos entrevistados pelo Dops de Curitiba. Né? Eu e o Bira! Recebemos a convocação: “hum, nossa! Que isso, como vamos?” Aí a gente foi pra Curitiba, eu e ele, mas foi uma coisa assim... A gente nem entendia muito bem porque estava lá e o pessoal deve ter notado que a gente não tinha nenhuma percepção política. Eu me dei conta, eu digo hoje pra vocês, ‘alienados’, porque, depois eu entendi quando eu fiquei em Salvador. Eu vi perseguição, eu vi povo correndo na rua, eu fui pra faculdade em Salvador e daí eu entendi a questão política, mas enquanto estava na JUFRA, não! Embora alguns freis entendessem, mas a gente, não! Eu lembro que, um frei do Ceará, meio que conversou com a gente alguma coisa, mas na época eu não entendi a profundidade do que o frei estava dizendo, posteriormente, quando eu me (in)formei melhor. Eu disse: ahhh. Então o frei estava mais engajado e não quis ser muito claro com a gente. E nessa entrevista no Dops, a gente chegou, alguém da recepção nos chamou: “ó, é naquela sala. Entra”. A gente entrou e sentou, tinha uma mesa, duas cadeiras, uma pessoa, sala muito... Praticamente nada, a estante e duas cadeiras, a estante não, a escrivaninha, aí ele falou assim: “olha como é o teu nome, onde vocês moram, há quanto tempo trabalham no JUFRA”? Quer dizer, foi um questionáriozinho básico! “É, vocês aguardam um minuto que alguém já vem atender vocês”, e saiu! Quando ele saiu, chegou uma pessoa na janela, e limpava a janela, e limpava a janela. O Bira me cutucou, quer escutar o que a gente fala! Daí ele riu, o Bira era muito brincalhão, a gente começou falar de bobagem, de música, da viagem, do pinheiro do Paraná que o Bira adorava o pinheiro do Paraná. Quando a gente chegava de viagem ele dizia: “Ai, o pinheiro do meu coração!”, então a gente começou a falar disso e tal, conversou, conversou... A pessoa terminou de lavar a janela e saiu, deu mais uns minutos, a pessoa que tinha nos atendido, chegou: “olha, tá tudo certo com vocês, podem ir embora”, o Bira olhou: “só isso?”. “Só isso!” A gente precisa assinar alguma coisa? “Não, só esses dados, até logo. Tchau!” A gente foi embora, e nunca mais! Depois a Janaína me disse que, de fato, tem vários documentos, registros inclusive esse registro da nossa ida ao Dops. Mas eu não sei de outras pessoas que tenham sido chamadas! Aqui em Ponta Grossa fui eu e o Bira! Porque éramos nós que íamos nos treinamentos e que estávamos mais próximos do frei.

Danila: mas por que, que a senhora acha que o Dops resolveu investigar a JUFRA?

Maria: olha, se a gente tivesse consciência política e algum instrumento na mão, a gente faria uma revolução. A gente fazia treinamento de liderança, a gente fazia despertar líderes, jovens que vinham tímidos pro grupo, de repente ele tava assumindo liderança, ele tava conduzindo a reunião, ele tava se expressando, sabe?! A gente treinava o pessoal pra ser líder, mesmo! Só que, como a nossa visão era, assim, predominantemente religiosa, a gente cultivava o valor de repetir ‘Francisco’, repetir ‘Clara’, a doação, a pobreza, o amor ao próximo, então, o nosso amor ao próximo não

chegou à questão da exploração pela qual as pessoas passavam, a gente ficava muito naquilo da revolução individual interna de encontro com Deus. Então a liderança era mais voltada pra isso, de fazer o bem, mas a gente não tinha visão política. Mas eu penso, a gente teria feito alguma coisa, mesmo! E até, se algum grupo mais engajado ou uma pessoa mais engajada politicamente, com melhor visão, tivesse participado de um treinamento nosso, ah, teria pego instrumento. Porque o TBJ, não sei se o pessoal continua trabalhando, não sei se continua com esse mesmo conteúdo, não sei, né, porque depois que eu saí não tive mais vínculo com o pessoal, mas, era um instrumento e tanto! Tanto é que o Waldemar se afastou, ele achou que não deu certo o que ele pensou na igreja. O padre Roque que continuou fazendo ainda algum trabalho com os religiosos, o Waldemar foi pros leigos. Eu fiz treinamentos com o Waldemar fora da JUFRA, com grupos que ele fazia de treinamentos de pessoas, voluntário, e aí sim, o Waldemar era de uma visão mais politizada, daí, ali, eu entendi! Com o Waldemar, a Cléa, o Bira, a gente foi pra Argentina, a gente foi pro Paraguai treinar pessoas, daí já era assim, né! Inclusive quando a gente foi marcar o treinamento do Paraguai, fui eu, a Cléa e o Bira, e a gente foi turista, oficialmente! Hotel de turista, passeio de turista, entendeu?! Mas o objetivo era marcar o treinamento que o Waldemar foi dar! E era o mesmo material que a gente usava no TBJ, entendeu?! Mas a gente não teve, não teve! Eu lembro de uma professora, assim que, participou do TBJ e tal, e ela disse: “nossa, frei! O que a gente aprende aqui na JUFRA, a gente não aprende na família, nem na escola, nem na sociedade”. Claro, era uma ciência aplicada, sabe?! Que alguém se dedicou ao estudo de investigação de sociedade pela sociologia aplicada, hoje, as aulas de sociologia na escola tá fazendo o pessoal tomar consciência de uma série de coisas, o que a gente tinha na mão, era um material muito bom. Muito bom mesmo! Então, o pessoal ficava de olho! Se a gente sáísse daquele mundo, assim, daquele momento religioso, nós poderíamos nos tornar um incômodo pra eles, né, pra política da época.

Danila: e a formação profissional da senhora, teve alguma influência da JUFRA, da experiência que teve na JUFRA, da experiência franciscana, como que foi?

Maria: olha, eu tinha feito magistério né, e eu tinha trabalhado numa instituição que na época chamava Carpa e que hoje é Emater que trabalha dando assistência às famílias do meio rural né. Então eu fiz um treinamento, eu passei num concurso, num teste seletivo, enquanto, concurso de formação de professores e daí fiz um treinamento de dois meses pra ir trabalhar e trabalhei no interior do Paraná, em Ibaiti. Já era um treinamento muito tecnicista porque o modelo que estava sendo implantado de assistência no meio rural era muito americanizado, então já era um trabalho assim! E que já trabalhava com um tipo de registro mais técnico e já tinha, assim, palestra de convencimento, como que eu vou convencer o agricultor de implantar uma nova técnica, como que eu vou convencer àquela mulher que ela tem que fazer uma horta no meio rural, então o objetivo era um pouco isso. Depois, essa instituição estadualizou, que na época era uma instituição autônoma, daí estadualizou. O Estado dava verbas, mas era autônoma, daí estadualizou, e por conta de questões familiares eu deixei esse trabalho, porque eu não tinha como me transferir para Ponta Grossa e vim pra Ponta Grossa porque minha mãe veio morar aqui. Daí, fui trabalhar de secretária, então! Aí, eu entrei na JUFRA e vivi toda essa experiência da JUFRA. Quando eu estava em Salvador, que eu fui pra Salvador, daí eu comecei a faculdade lá em Salvador na Federal da Bahia no curso de pedagogia. E daí, eu vivi uma coisa bem surpreendente, assim, eu comecei as aulas de filosofia numa turma e o professor era muito desorganizado, e tinha um mês e tanto de aulas é que ele pegou a lista de chamada, quando ele fez a lista de chamada, ele não me chamou, eu falei: professor, e eu? “Não, você não é da minha turma, você é do outro professor”, e o outro professor, era o professor Cipriano, Carlos Cipriano Luchese que escreve na

pedagogia sobre educação. Na época ele ainda não era muito conhecido. Lá, ele era bem conhecido, a gente adorava o professor Carlos né, Cipriano, nem sabia o sobrenome dele. E daí, “você é da outra turma”, eu cheguei na outra turma e, era uma mulher que tava na sala, daí falei: olha o professor Fernando falou que não sou da turma dele, eu sou dessa turma. Ela conferiu: “é, tá aqui, você nunca veio”. Não, eu tive o tempo inteiro na outra sala. “Ah, então venha, o professor Cipriano não vem hoje, mas ele deixou uma avaliação, mas como você não participou de nenhuma aula...” Eu falei: não, mas como assim? Deixa eu ver né, o que, que, me dê a avaliação pra eu ver o que, que era. Era todo procedimento de metodologia científica e eu respondi a prova toda, eu tirei a nota máxima porque era o treinamento da JUFRA, entendeu?! Eram os passos lá, onde, quando, quem, sistemas, metas, era o treinamento da JUFRA! Eu respondi tudo! Eu falei: nossa! Que legal né?! Aí, ta! Na próxima aula chegou o professor né. O professor Cipriano, entregou as provas e tal, “quem é Maria de Lourdes de Paula?” Sou eu! “Você não tava nas minhas aulas?” Não, contei a história inteira pra ele. “Então no final da aula a gente precisa conversar”! Vamos conversar! No final, ele queria saber como eu sabia a prova dele se eu não tinha tido a aula, aí naquela hora eu entendi o que àquela professora tinha dito, né! A gente tinha um instrumento muito bom na mão. E aí, eu comecei o curso de filosofia em Salvador, foi muito bom, né, era a época da ditadura, eu já tinha me afastado da JUFRA, já estava casada e cuidando da minha filha do casamento e tal. E aí, o curso de pedagogia que eu fiz, teve esse professor de filosofia que depois se tornou uma pessoa bem conhecida, teve uma outra professora de filosofia que fazia a gente ler Paulo Freire em espanhol porque o Paulo Freire tava proibido no Brasil. E aí foi, aí que eu comecei abrir o olho, aí que caiu a minha ficha. Meu Deus, o que, que a gente tinha na mão?! Foi a hora que eu percebi o quanto a gente tinha na mão, e aí, fiz uma parte da faculdade lá, daí me separei e vim embora pro Paraná porque minha família toda é daqui. Daí terminei a faculdade aqui na UEPG, e foi assim porque na época era por semestre, então eu tinha feito 4 (quatro) semestres lá, mas os semestres de lá não bateram com nenhum daqui. Daí eu fiz 6 (seis) semestres aqui de novo, cada semestre eu fazia o menor número de disciplinas do que todo mundo porque eu já tinha feito algumas disciplinas, mas eu não conseguia fechar um semestre inteiro, como eram ofertadas as disciplinas, daí eu terminei aqui! Daí, fiz concurso e fiquei trabalhando aqui na educação, daí, né! E daí, eu me surpreendi quando fui pra educação, nossa! Aquilo que a gente via na JUFRA, aquilo que a gente via na cibernética com o Waldemar devia estar dentro da escola. Como não está? Como assim, não sabem isso? Como não treina líderes? Como não sabe organizar reunião? Como não ensina a falar? Se expressar! Tanto é que, muita coisa da JUFRA, da cibernética social, depois mantive contato com o Waldemar, ele foi dar treinamento em Salvador, aí eu casada a gente fez um grupo lá, eu tinha livros dele, acabei repassando os livros. Esse tempo que eu precisei, o material que eu queria montar uma oficina pras alunas do colégio, eu acabei pegando de uma amiga daqui, da Virgínia que também fez treinamento com o Waldemar. E eu continuei mais ou menos colocando nas minhas aulas, nos meus trabalhos esse material né. Então, a JUFRA influenciou através do TBJ o meu trabalho. É conteúdo que eu ainda uso né?! Até porque eu trabalho com fundamentos filosóficos da educação, daí junta mesmo. Agora, do ponto de vista de valores humanos, de convívio, é o *franciscanismo*, enquanto valor de vida, valor humano, de postura...

Danila: e, outra coisa que eu queria perguntar pra senhora, a senhora comentou que participou de um encontro do TLC né? O que, que a senhora achou? Como era a relação da JUFRA com o outro movimento?...

Maria: olha, o primeiro momento, o TLC, a organização do TLC era um entendimento de que eles iam subsidiar todos os grupos de jovens, né! Então, a gente foi pra

Paranaguá em cinco pessoas: dois do Bom Jesus e três daqui [São Cristóvão], e a gente fez, trabalhou... Acho que o meu cunhado deve ter essa foto porque ele foi. E a gente foi né, pra lá, e voltou, só que o TLC era uma linha... não sei, você fez TLC, conhece alguém, fez cursinho... Eles tinham um trabalho muito de impacto emocional, sabe! Você ficava três dias fazendo treinamento num lugar, só as pessoas que faziam treinamento, você não via ninguém, mas você chegava no refeitório, tava tudo arrumado e a comida servida, você não tinha a menor ideia quem estava cozinhando. Os banheiros estavam limpos, mas você não via ninguém limpando; os quartos arrumados, mas você não via ninguém arrumando. Você não via ninguém! Aí, eram palestras, assim, de impacto muito voltada para a questão da... Eu não gosto muito da palavra mas é a que me ocorre, muito assim, da culpa, o que eu fiz de errado; como eu não fui uma boa pessoa e tal. E aí, dava um tempo pra você conferir os seus pecados e a refletir. Tinham várias pessoas que davam treinamento que ficavam circulando pra ver quem tava chorando, quem tava melhor e voltava mais uma... Tanto é que, as palestras do TLC chamavam “matraca”, matraquinha, então era matraquinha mesmo! Você entrava sexta a noite, ficava sábado dia inteiro, e domingo dia inteiro. Daí, no domingo a noite, tinha o encerramento em que ia pessoas de fora te buscar, e no encerramento, você descobria quem que tava na cozinha. Em geral, era um tio teu, primo teu, irmão teu, aquele colega do grupo, então, era bem voltado pra essa questão emocional. O frei Clemente uma vez falou que, segundo a teologia, os três passos da conscientização, purificação, superação... Uma coisa assim! Da teologia. E aí, o TBJ era outra coisa, né! Aí, a gente se afastou e daí, como a gente não continuou tendo os procedimentos do TLC, os compromissos do TLC, ninguém se preparou pra ir dar matraquinha de TLC, acho que uma pessoa ou duas foram trabalhar no próximo, aí desvinculou completamente. O TLC foi pelo caminho deles e a gente foi pelo nosso. Quando a Cléa tava bem próxima de nós, que àquela senhora que colaborava e ela tinha sobrinhos, e ela tinha alguns conhecidos e ela resolveu... Eles tinham feito TLC e tal, na igreja, ela tentou uma aproximação da gente, a gente fez alguns encontros, aí eu também fiz TLC, mas foi muito mais social, pela Cléa. A gente foi na casa de uma menina, a gente trocou ideias, mas eles continuaram com os trabalhos deles, e nós com o nosso. Mas a gente nunca teve, assim, divergência. Nós freqüentávamos ambientes diferentes, tínhamos postos diferentes, a gente não ia nas reuniões deles e nem eles nas nossas. Depois desse primeiro momento, eu tenho a impressão que foi mais gente no segundo TLC e não mais. Daí era só nós da JUFRA.

Danila: e como foi a experiência da senhora trabalhar com o frei Eurico?

Maria: olha, teve o lado bom e o do ruim. O frei Eurico, ele era muito entusiasmado com as coisas dele. Mas ele não era autoritário, ele era dominador, entende?! Ele exercia um domínio muito forte sobre as pessoas. Você fazia o que ele achava que devia ser feito, mesmo! Sabe, quando você via, você estava fazendo e tal. É, muitas vezes convencido de que aquilo era ótimo, maravilhoso, mas às vezes, não, né! Então, quem tava mais longe dele não sentia tão forte, mas quem tava bem próximo, né?! O grupo como eu e o Bira que viajávamos, a gente às vezes, conversava e sentia muito essa pressão né, as coisas eram do jeito dele, no ritmo dele, na dinâmica dele. Isso era ruim, agora, o entusiasmo dele é que fez acontecer a JUFRA, ele quebrou barreiras com a própria Ordem. Aquilo que eu te falei, ele resolvia fazer o treinamento dentro do convento e ele fazia, e tal! E o frei Eurico nessa dominação muito forte dele, quando a gente questionava ele, ele ia até um ponto. Mas como alguns de nós éramos muito questionadores, tinha o Paludo que era questionador, tinha outros, mais sobretudo eu e o Bira, eu falo mais no Bira porque a gente era muito amigos, que a gente questionava, chegava num ponto, ele dizia assim: “ah vocês não entendem, vocês não têm teologia”,

aí um dia, a gente virou: frei, a gente quer fazer teologia. A gente quer frequentar as aulas do seminário. Porque no seminário do Bom Jesus, tinha aula de filosofia e teologia, e a gente começou a frequentar aulas de filosofia e teologia. A gente frequentou quase dois anos. Tanto é que, depois o pessoal dizia: “vai validar o teu curso”. Mas era na época só no Rio Grande do Sul e eu desisti, daí eu fui pra Salvador e fiz pedagogia. Quando eu voltei, o Frigo ainda disse: “você não acha que você devia retomar isso?”, eu falei: não, não vou! Agora, vou concluir pedagogia. Então, só pra você ter um exemplo de como funcionava isso! Então, a gente tava tendo uma aula em que ele tava falando de renúncia. E ele falando pros meninos que a vida religiosa era uma renúncia enorme, que renunciava ter filhos, que renunciava família, e tal. Eu olhei pra ele e falei: eu acho que não é isso, é uma escolha. “Não, é uma renúncia!” Frei, é uma escolha! Quando eu escolho uma coisa eu não tô renunciando a outra, entre duas, eu escolhi uma! E ele insistindo. E o Bira entrou no meu raciocínio. Eu cheguei dar o exemplo pra ele: frei, eu pego uma laranja e uma maçã. Eu cheiro a maçã, eu pego por fora da maçã, eu pego a laranja, eu cheiro a laranja, eu percebo a laranja. É o que eu sei de casamento hoje e o que eu sei de vida religiosa hoje! Essa coisa mais por fora. Se eu me atrair mais pela laranja e escolher comer a laranja, eu não renunciei a maçã, eu escolhi a laranja! Eu não posso ter valor porque eu renunciei a maçã. Tenho valor porque eu escolhi a laranja! Ele ficou todo atrapalhado, discutiu, discutiu, acabou a aula. “Ah na próxima aula a gente termina.” Tá! Na próxima aula a gente chegou empolgado com a discussão. Ele começou outro assunto. O Bira virou e falou: “Ô frei, e o assunto da aula passada?”, “Não, àquela aula já terminei com os meninos no outro dia”. Entendeu?! Ele não podia por em xeque o que ele tava dizendo com o nosso questionamento porque na cabeça dele, isso talvez compromettesse a vocação de alguém, ele terminou a aula sem nós, sabe! Então ele era bem forte nesse sentido de convencimento e de condução da gente. Nós, que vivemos bem próximo, que sentimos. Quem vivia fora, via mais o entusiasmo, a alegria e empolgação dele, que eram reais também. Eram reais, né! Nossa, ele fazia umas coisas bem louquinhas no TIF, primeiro no início do TIF. Vamos fazer um treinamento. TIF não, TRF - Treinamento de Renovação Franciscana. Então ele bolou lá o roteiro, claro que ia ter uma noite de adoração, né! Nossa! Renovação Franciscana sem passar uma noite de adoração, não! E foi no convento. Aí, a gente foi e a nossa adoração era muito assim, ficava cantando na frente do sacrário, ficava dizendo... Dando depoimento, não era silenciosa! E o pessoal se empolgou e passou a noite inteira em adoração! Aí, no outro dia, vamos continuar a palestra. O povo tava dormindo! Ele não teve dúvida! Deu café amargo pra todo mundo se acordar pra continuar o treinamento! Ele não mandou a gente dormir! Sabe?! Ele tinha um propósito, vocês não dormiram, fizeram. Não, vamos continuar porque eu tenho um assunto pra tratar com vocês. Só que isso foi o grupo inteiro, né! A gente tava numas trinta pessoas no TIF, no TRF em que ele fez isso. Então, a medida dele, era ele! Por isso, eu te falei que o frei Clemente falou: “tem que ter um anticoncepcional de ideias, porque não aguento mais esse frei!” E aí, ele teve, assim, alguns enfrentamentos, que o pessoal achava que ele deixava muito os jovens invadir o convento, que atrapalhava, que se dedicava muito e não fazia o que a *Ordem* esperasse dele, e aí, ele teve alguns enfrentamentos... Agora, a maioria dos jovens se empolgavam mesmo com ele e o entusiasmo dele. Por isso, que eu disse: tem o lado bom e isso empolgava a gente, e o lado ruim, que às vezes era meio pesado.

Danila: e os temas dessas formações que faziam do TIF, do TRF, era ele que escolhia, escrevia, elaborava? Vocês participavam? Como que era?

Maria: Não, basicamente era ele. Tirando o TBJ que ele copiou, né?! A partir da proposta do Waldemar. No TIF, ele organizou a partir do questionamento né, e alguns

questionamentos iam muito em cima de algumas coisas, assim, difíceis de explicar, né: Trindade, virgindade de Nossa Senhora, essas coisas! E aí, ele trabalhava muito com a formação religiosa, mesmo assim, de fazer à vontade de Deus. Eu lembro que a gente fazia uma agendinha, o que Deus quer de mim hoje; o que eu vou fazer hoje, é uma disciplina bem, assim... tinha o momento de oração, a gente tinha compromisso. Depois o TIF alguns compromissos de oração diária, semanal, e quando tinha encontro de reunião, de quem já fez o TIF, tinha que prestar conta desse cultivo, mas o temário era ele que conduzia! E do treinamento de renovação que aí a gente, inclusive, essa noite de adoração que a gente fez no treinamento de renovação franciscana, teoricamente nós faríamos o compromisso que a Ordem Terceira faz, que na Ordem Terceira chama *votos*. Alguns de nós fez os votos franciscanos nesse treinamento de renovação franciscana. Mas era ele que estabelecia os temas. A gente dava palpite! O pessoal mais de fora não. Mas aquele grupo mais próximo, que convivia mais perto dele, a gente dava pitacos, a gente questionava, não que ele levasse muito a sério, mas ele ouvia a gente. As vezes, ele ouvia depois de um tempo ele falava: “Ah, aquilo que vocês falaram, sabe, Eu pensei!” Não fazia como a gente disse, mas ele considerava a pergunta nossa.